

## ARTIGOS

### **POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DE “TURISMO DE QUALIDADE”**

#### **NO SEMI-ÁRIDO BAIANO:**

um contra-senso?<sup>1</sup>

Alex Cypriano\*

#### **RESUMO**

Regiões como o semi-árido baiano, aparentemente desprovidas de condições para o turismo, podem conter elementos que a predispõem para o desenvolvimento de atividades turísticas especializadas e capazes de se constituírem em vetores de geração e distribuição de renda. A região de Patamuté, município de Curaçá, é analisada em termos de suas potencialidades turísticas a partir da construção de um cenário estratégico adequado ao contexto local.

Palavras-chave: Turismo – Desenvolvimento Local – Gestão estratégica.

A simples oportunidade de realizar uma visitação ao interior do sertão baiano, na localidade de Patamuté, município de Curaçá, onde realiza-se anualmente, desde o início deste século, entre os dias 30 de outubro e 1º de novembro, um evento denominado “Romaria do Sagrado Coração de Jesus da Gruta de Patamuté”, permite que se desfaça quase que imediatamente aquilo que se poderia chamar de aparente lógica. Como se pretender desenvolver atividade turística de qualidade num lugar onde a própria condição de sobrevivência é questionável?

Antes de mais nada, é preciso que se contrarie a perspectiva, muitas vezes adotada, do turismo se constituir na solução para os problemas de desenvolvimento socioeconômico de qualquer região, ainda mais regiões extremamente carentes como o semi-árido baiano.

Entretanto, é a partir justamente da situação de carência que se pode aventar quanto ao turismo representar uma oportunidade estratégica para preservação de recursos ambientais – incluídos aí os elementos culturais que marcam sobremodo a vida local – garantindo também um efeito ampliador e distribuidor de riqueza.

---

<sup>1</sup> As informações contidas neste artigo resultam de um trabalho de consultoria contratado pelo SEBRAE-BA dentro do “Programa de Desenvolvimento de Parques Temáticos” e foi realizado junto à Prefeitura Municipal de Curaçá, em setembro de 1998. Aproveita-se a oportunidade para agradecer a todos que, com as valiosas informações prestadas, colaboraram com sua realização.

\* Doutorando em Administração pela EAUFBA e Professor da UNIFACS nos cursos de Turismo e Administração com ênfase em hotelaria.

Com “turismo de qualidade” se quer denominar um conjunto de atividades turísticas capazes de gerar um excedente econômico para o local. Tal possibilidade se dá à medida que o produto turístico contenha um conjunto de atividades complementares como atividades de observação e vivências diversificadas – o programa turístico - significativo em relação ao produto total.

Esta perspectiva difere em forma da noção mais difundida de “turismo de qualidade” que se caracteriza pela oferta diversificada de atrações (diminuição da sazonalidade) e na captação de turista com gasto médio diário elevado, através de equipamentos turísticos integrados e de luxo (*resorts* especializados) e que, a depender da dinâmica de produção pode ou não representar externalidades positivas para o local (FALCÃO, 1995).

O aporte teórico que sustenta a pretensão de desenvolvimento para o semi-árido é aquele que afirma a transformação do conceito de produto turístico.

Já há algum tempo que, pelo menos nos países avançados e também turisticamente avançados, a idéia da viagem turística superou a noção clássica do “pacote” composto por transporte, receptivo básico, hospedagem, alimentação e visitação/usufruto passivo dos recursos disponíveis. O atendimento das expectativas do turista (cliente) e a busca pela superação das mesmas desloca a conceituação de produto turístico para este novo objetivo. Assim, realizar turismo passa a ser satisfazer um sonho, um desejo, é “viajar” numa idéia<sup>2</sup>.

Ao lado deste desenvolvimento teórico-conceitual também percebem-se algumas alterações no perfil da demanda turística como maior valorização e personalização das férias, bem como, maior diversificação motivacional (BUENO, 1995).

O novo “consumidor consciente” adota um comportamento diferenciado no tocante ao seu estilo de vida – mais ativo; mais consciente quanto à questão ambiental e das desigualdades sociais do planeta; à administração de seu tempo – pensado como disponível para seu desenvolvimento pessoal; e à sua condição de consumidor – valorizando produtos sociais e a utilidade real do consumo (MARTIN e MASON, 1994).

Evidentemente que o desenvolvimento turístico não se dá apenas a partir de condições naturais e/ou exóticas propícias, mas exige que um conjunto de fatores, condições e agentes se estruturam para tal fim, o que representa uma dificuldade adicional para o turismo na região.

---

<sup>2</sup> Não importa, no âmbito deste artigo, a discussão quanto à dinâmica que a atividade de marketing infere ao turismo no que diz respeito ao processo de criação de necessidades e à evolução das preferências do turista.

A esse respeito, entende-se que, *a priori*, a região turística de Juazeiro, da qual Curaçá participa, está, relativamente integrada com o conjunto de atividades turísticas do estado, pelo menos no que diz respeito a condições de acessibilidade – aeroviária, rodoviária e fluvial – e existência de instrumentos de ação pública voltados para o turismo – planos e programas (CAR, 1995).

São, portanto, as dimensões produtivas e empresariais do turismo na região, bem como a dimensão estratégica da política turística local que carecem ser alavancadas para que a pretensão de desenvolver o turismo numa região marcada pela luta cotidiana pela sobrevivência possa vir a ser realidade.

Assim, a construção de um cenário estratégico a partir da perspectiva de conciliação de características do espaço turístico do semi-árido baiano com os elementos norteadores da política de desenvolvimento turístico municipal - gerar emprego e renda para a população local e preservar os sítios de visitação dentro dos preceitos concernentes à prática do ecoturismo – é condição fundamental para a elaboração do planejamento turístico local. Além disso, um levantamento das potencialidades turísticas da região articulado desde logo à proposições produtivas passíveis de serem implementadas se constitui num elemento fundamental para que as oportunidades de desenvolvimento turístico se consubstanciem em programas e projetos.

A visitação ao município e ao local da Romaria (90 km distante da sede) foi concebida como uma aproximação cuidadosa ao local. Neste momento pretendeu-se não somente reconhecer os aspectos concretos constitutivos da Festa, mas também apreender os sentimentos envolvidos, da fé à relação de pertencimento ao local, e o pensamento dos atores implicados no processo de fazer e refazer o evento.

Acreditamos que, somente com um olhar totalizante se poderá pretender desenvolver um trabalho perene, planejado e concatenado com os objetivos da administração pública e do interesse geral do município. É importante ressaltar, no entanto, a importância do acompanhamento sistemático das ações de intervenção, do processo de planejamento da atividade turística e de uma visão estratégica integrada para que o turismo passe efetivamente a se constituir numa possibilidade concreta de desenvolvimento social e econômico de uma região.

### **- Cenário estratégico para desenvolvimento do turismo em Curaçá**

A atividade turística mundial vem apresentando ao longo das últimas décadas uma taxa de crescimento persistentemente elevada. Em decorrência disso, tem sido alçada à condição de panacéia para os países de terceiro mundo no tocante às suas possibilidades de promover desenvolvimento socioeconômico.

A Bahia desponta no cenário turístico nacional numa posição competitiva, tanto do ponto de vista geográfico e localizacional, quanto cultural. Diversidade e variedade caracterizam a Bahia, não apenas seu ambiente físico-natural, mas também a composição histórica e cultural de seu espaço e seu povo. A realidade, no entanto, nos mostra que a maior parte dos fluxos turísticos circulam e são absorvidos pelos países ricos, o que indica que o turismo também se insere no processo de divisão internacional do trabalho. Para a formação deste produto turístico, uma cultura preservacionista amparada por uma dominação cultural imposta, teve papel fundamental. Na expansão deste mercado foram incorporados em seguida os aspectos naturais e, mais recentemente, aspectos tecnológicos.

Fenômeno contrário ocorre com países como o Brasil, onde a necessidade de recuperar-se do atraso - a necessidade permanente de modernização - faz com que recursos naturais e culturais se deteriore rapidamente e bens históricos sejam substituídos por outros “mais modernos”. O relativo “isolamento” do interior brasileiro, inclui-se aí o semi-árido baiano, à medida que escapa ao processo “modernizante” da industrialização, consegue preservar seus valores culturais e um comportamento social que permitem o desenvolvimento de uma mercadoria turística genuína. Quanto a seus ambientes naturais, se devidamente utilizados, dentro de uma perspectiva estratégica que perceba a sensibilidade dos ecossistemas locais e se desenvolva preocupado com sua reprodução a longo prazo, poderão também participar deste “produto turístico especial”.

Desse modo, temos que especialização cultural e histórica – atividade de complementação face a vocação maior do estado em relação ao seu litoral - e cuidados ambientais - dada a fragilidade do ecossistema local - indicam que o desenvolvimento da atividade turística na região deve atender ao que se denomina turismo de baixo impacto, alta qualidade e especializado.

Uma outra questão que precisa ser examinada diz respeito à existência de uma predominância no pensamento e na ação do administrador brasileiro, das práticas de intervenção - um certo

espírito empreiteiro tão ao gosto do administrador público. Evidentemente, tal comportamento é, não só plenamente justificado dada a carência crônica de serviços públicos e equipamentos de infra-estrutura básica, como também por outras razões de cunho político-administrativo sobre as quais este trabalho não se detém por fugir ao seu escopo.

Entretanto, no caso da atividade turística nem sempre é aconselhável a intervenção física sobre os espaços onde esta é praticada. Seja por razões de sua própria especificidade - como no caso do espaço do semi-árido baiano cuja fragilidade ambiental diante de intervenções materiais é flagrante - seja por razões derivadas do tipo de turismo que se pretende desenvolver - ecológico, de observação, de aventura, científico.

Uma outra questão que se soma à anterior e que não se pode perder de vista, decorre do fato que o espaço (não só a paisagem, mas esta como elemento de situação concreta da realidade em todos os âmbitos da vida - econômica, social, cultural, simbólica, política, etc.) em si é parte do produto turístico, devendo pois, ser administrado também. Quanto mais o produto é baseado no espaço natural, mais ele deve ser preservado e analisado em suas diversas dimensões e relações com outros âmbitos, como o espaço cultural e simbólico.

Por essas razões a intervenção física sobre o território deverá ser sempre mínima, sendo puxada pela demanda. Tal opção justifica-se também devido à carência de recursos para investimento, mas no caso, tal justificativa é subjacente à problemática específica do manejo do espaço turístico do semi-árido e à orientação do desenvolvimento do turismo local.

### **- Potencialidades turísticas da região<sup>3</sup>**

A importância do que passamos a relatar se dá na medida em que se constitui na fonte dos elementos que formarão o fio condutor deste trabalho, num processo reflexivo e crítico. Significa também um primeiro passo, ainda que tímido, na direção de uma recuperação sistemática dos relatos que tratam dos valores culturais e simbólicos de um povo, também isto um fértil material para ser pensado turisticamente.

O núcleo inicial de colonização da região foi Pambu, que hoje é um lugarejo no município de Icó. No início do séc. XVII a comarca estendia-se numa direção da região de Santo Sé até Paulo Afonso e noutra de Patamuté até Floresta em Pernambuco. Curaçá, e também Patamuté,

---

<sup>3</sup> As informações baseiam-se nos relatos prestados pelos senhores José Reis, Lindovaldo Ferreira, Péricles Aquino, "Beguinha" e Emídio e Carlinhos, guardiões da Gruta de Patamuté.

ainda preservam algumas edificações de valor histórico arquitetônico como o antigo teatro que está sendo recuperado.

Entre os recursos que podem ser explorados turisticamente destaca-se um conjunto de edificações (igrejas) jesuítas às margens do São Francisco, contida num percurso de aproximadamente 30km ao longo de sua margem direita e em algumas ilhas (o município de Curaçá se estende ao longo de 120 km do rio).

Além dos atrativos relacionados ao Rio São Francisco (ilhas, praias, esportes náuticos, etc.) e da Romaria do Sagrado Coração de Jesus da Gruta de Patamutê, evento que ocorre desde o início deste século, outros recursos podem ser listados: As festas da cidade como Festa do Vaqueiro, Bom Jesus de Boa Morte e São Benedito, Marujada, Reisado, Serração e Judas e São João. Os festejos da Serração e do Judas acontecem na Semana Santa, organizados desde uns 80 anos passados e têm participação intensa da população. A organização de um calendário de eventos é peça importante para o planejamento da atividade turística.

Uma comunidade indígena remanescente dos índios Cariris onde se praticam rituais típicos. Os relatos não foram suficientes para que se pudesse distinguir a natureza destes rituais, se folclóricos ou místicos, merecendo portanto, investigação adicional. Não obstante, trata-se de um elemento de visitação ou vivência a ser incorporado num determinado programa turístico. Sítios arqueológicos como cemitérios indígenas (Terreiro dos Caboclos, Barra Grande - escavação já feita pelo MAE/UFBA) e inscrições rupestres (que ainda precisam ser confirmadas) localizadas nos serrotes e serras da região (Serrote do Velho Chico, Serra da Natividade, Serra da Borracha). Além da perspectiva de visitação, a manutenção do acervo e desenvolvimento da história arqueológica da região também se constitui num elemento a ser dinamizado (ETCHEVARNE, 1996).

Construções antigas datadas do início da colonização como fornalhas para salitre que teriam sido utilizadas pelo pessoal de Antônio Conselheiro para fabricação de pólvora. Santuário de Poço Grande, um conjunto de obras como barragens e currais feitos com pedras, ainda por escravos. Artesanato de madeira em Mundo Novo (carrancas e utensílios confeccionados por uma família de artesãos).

A localidade de Brejo, um oásis no meio da caatinga, uma área com raio de 1 km, com mineração de água, terra agricultável, habitada e cultivada. Tal localidade talvez seja o recurso mais importante a ser desenvolvido, à medida que possibilita a integração de diferentes

espaços da região, tanto como ponto de apoio à excursões de observação, exploração, ou à prática do turismo de aventura, quanto pelas suas próprias características como estilo de vida, história, etc.

A flora da região é motivo de atração turística para fins de observação e estudo. A impressionante capacidade de adaptação dos organismos vivos da caatinga no sentido de resistir às longas estiagens com que a região convive se constitui num recurso singular da região. Uma outra atração consiste em perceber que cada espécie tem uma determinada utilidade (alimentícia ou medicinal, entre outras) como o imbirauçu que é uma árvore cujos frutos dão uma espécie de lã. Rabo de raposa, cipó de cobra, mandacaru, xiquexique, e craibeira (plantas que dão flores) são apenas alguns dos exemplos elencados.

Também a fauna local pode se constituir em elemento turístico, embora sua presença seja sempre ameaçada pelas longas estiagens e pela pobreza da região onde muitas vezes se constitui numa importante fonte de alimento. Siriema, ema, jacu, tatu, peba, mixirra, caititu, veado, preá e gambá. Juriti, asa branca, carcará, acuã, currupião, cardeal, canção, arrebançã, jandaia, maracanã, arara, fogo-pagô, sabiá e pedrês são apenas alguns exemplares da fauna da região. Durante nossa visita também foram encontradas conchas de gastrópodos terrestres, provavelmente do gênero *Megalobulimus*. Tal como a flora, a fauna se constitui num recurso apropriado ao desenvolvimento do chamado turismo científico, que também pode ser desenvolvido em torno dos recursos arqueológicos.

Além dos sítios arqueológicos e históricos, numerosos relatos povoam o imaginário da região, desde estórias fantásticas e míticas como a da descoberta da gruta de Patamuté ou das serras que se separaram, até relatos comprovados relativos às andanças de Lampião, da Guerra de Canudos e da Coluna Prestes, entre outros.

A história de um alemão, foragido da 1ª Guerra Mundial por ter posto a pique um navio, que morara na Gruta do Poço e fora preso por volta de 1918, denunciado em virtude da recompensa oferecida pelo mesmo indivíduo que o anteriormente. Depois, tal gruta foi habitada por um padre de nome Magalhães, por volta de 1940. Sabe-se que ele comentava com os moradores de Curaçá que quando o rio secava o nível d'água do poço baixava, suscitando a possibilidade de existência de um canal subterrâneo ligando o poço ao rio.

A história da gruta de Patamuté está envolta em muitas estórias como a de dois vaqueiros que a descobriram e um deles morreu após isso ou do caçador de nome Zé Ema que tirava madeira

para a construção da igreja de Patamuté em 1906 e foi contratado para caçar uma onça que andava matando os animais e se escondia na gruta. Zé Ema morria três meses após descobrir a gruta.

Existe uma profecia atribuída ao Padre Manoel Félix, antecessor do Padre Toninho, que dizia que o dia que a “igreja” enchesse, ela se fechava e todos morreriam dentro dela. Tal história poderia ser interessantemente desenvolvida com a intenção de controlar o acesso e outras medidas de caráter preservacional.

Em relação à Gruta de Patamuté, a impressão causada a quem a visita é bastante significativa, a despeito da deterioração percebida. Segundo relato do locais, são os visitantes que quebram as pontas das estalactites - “os moradores e crianças de Patamuté não fazem isso”. Muitos dos locais se referem à gruta por “igreja” devido às dimensões do salão e ao fato das duas colunas que guarnecem a entrada e a presença de um “altar” natural ao fundo permitir essa metáfora sem dificuldades a qualquer visitante.

Do lado de fora de sua “boca” (quadrada com 15 metros de altura por 20 metros de largura aproximadamente) uma escadaria feita com pedras do local com 25 degraus dá acesso ao pequeno portão, ladeado por um muro com aproximadamente 1 metro de altura, que permite a entrada na gruta. Uma escadaria de concreto com 72 degraus e mais ou menos 2,5 metros de largura e guarnecida com corrimão de ferro conduz os visitantes até o piso do salão único.

O salão tem altura estimada em 44 metros e o diâmetro em 220 metros. Dos dois lados da escadaria o terreno é acidentado e íngreme com pedras e terra soltas. Estas laterais terminam em arquibancadas rusticamente construídas para a assistência da missa. Existe uma segunda boca, que não é percebida por quem entra na gruta pela primeira vez mas que permite aumentar a entrada de luz no interior da gruta.

No centro do salão, chamado de “igreja” está um cruzeiro e ainda mais a frente um pequeno altar de madeira onde fica a imagem do Sagrado Coração e serve para celebração das missas. Ao lado esquerdo uma espécie de estante foi construída para servir de local para as velas serem colocadas acesas.

Em relação à atividade existente, a romaria atrai gente de vários estados, pagando promessas por graças alcançadas. Os ex-votos são amontoados ao lado do pequeno altar. Segundo estimativa dos locais, mais de 10.000 pessoas visitam a gruta no período de 3 dias (de 30/10 a 1º/11), sendo que a maioria da visitação ocorre no dia 31 à tarde e 1º pela manhã quando são



rezadas missas no interior da gruta. Desse total, em torno de 30-40% são romeiros que pernoitam, enquanto o restante são visitantes que chegam e voltam no mesmo dia.

No mesmo período, o distrito de Patamuté que dista 18 km da gruta também comemora a festa de seu padroeiro - Santo Antônio - o que atrai os filhos de Patamuté que moram fora e retornam para a festa. É uma festa de largo típica, além de festa dançante no clube - com conjunto de música até as 5 horas da manhã. As duas festas se combinam de alguma maneira, os mais jovens preferindo a Festa de Patamuté, onde são montadas mais ou menos 40 barracas (sendo apenas 8 do povo do lugar e o restante de fora) de comidas, petiscos, bebidas e jogos. Até um parque de diversões é montado na praça principal da comunidade, enquanto as barracas ficam atrás da Igreja até o clube. Os jovens somente vão à Gruta no dia 1º de novembro.

Três ou quatro casas alugam vagas e hospedam visitantes. Além disso, as salas de aula das escolas também são utilizadas para hospedar os visitantes, jovens ou velhos. A gruta também recebe visitantes em outras ocasiões. No dia 1º de janeiro um número aproximado de 200 pessoas fazem uma pequena romaria e no dia 6 de agosto um grupo de oração de Pernambuco com mais de 500 pessoas organizada por um padre de Paulo Afonso, também realizam um ritual religioso no local. Fora isso apenas visitas turísticas esparsas. Na passagem do ano há uma atividade comercial mínima (2 ou 3 barracas funcionam vendendo alimentos e bebidas) enquanto o grupo de 6 de agosto traz todos os bens necessários ao seu próprio consumo.

À medida que as pressões oriundas do processo de urbanização e desenvolvimento econômico não se configuram de forma intensa, o processo de planejamento e desenvolvimento turístico local pode ser gestado sem a interferência de interesses imediatistas, podendo contar com a participação dos atores locais.

A integração dos diversos elementos naturais, territoriais, culturais, históricos e sociais da região, dada sua variedade, parece ser o elemento distintivo e configurador do produto turístico local. A ação pública articuladora é fundamental tanto no âmbito interno ao organizar os elementos produtivos, bem como externamente ao inserir o produto local na dinâmica turística do estado.

A ação empresarial é necessária para elaboração dos programas turísticos e sua posterior exploração, responsabilizando-se pelos investimentos necessários para operacionalização dos programas. A prática da hospitalidade já existe na região, como seria de se supor, o que

permite que se desenvolvam formas locais de hospedagem capazes de incorporar elementos tradicionais dessa hospitalidade, o que se constitui em mais uma característica própria da região, como a alimentação.

Numa integração mais ampla, os recursos fluviais também podem ser integrados à programação turística local, seja como via de acesso, através da prática de esportes náuticos ou da visitação de sítios históricos ribeirinhos. A literatura de cordel pode vir a se constituir num veículo interessante para esse processo de comunicação e divulgação turística, utilizando capacidade local para sua elaboração. Finalmente, a indispensável inserção de atores locais – a atração principal - nesse processo pode ser o elemento capaz de agregar valor ao produto e ampliar sua capacidade de geração e distribuição de riqueza através do turismo.

## **BIBLIOGRAFIA**

BUENO, J.C.C., MENÉNDEZ, A.M.M. & GARCIA, M.A.O. El turismo alternativo como un sistema integrado: consideraciones sobre el caso Andaluz. **Estudios Turísticos**, n. 125, 1995, p. 53-75.

CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional). **Espaço e turismo no semi-árido baiano**. Salvador, 1995.

ETCHEVARNE, C. Proposta para o aproveitamento turístico de áreas arqueológicas da Bahia, Brasil. **Turismo em Análise**, São Paulo, ECA/USP, v.7, n.2, nov. 1996, p.77-84.

FALCÃO, J.A.G. Turismo internacional no Rio de Janeiro: mecanismos de acumulação externos ao lugar. **Turismo em Análise**, São Paulo, ECA/USP, v.6, n.1, mai. 1995, p.65-75.

MARTIN, B. & MASON, S. The future for attractions: meeting the needs of the new consumers. **Tourism Management**, fev. 1994, p.34-40.